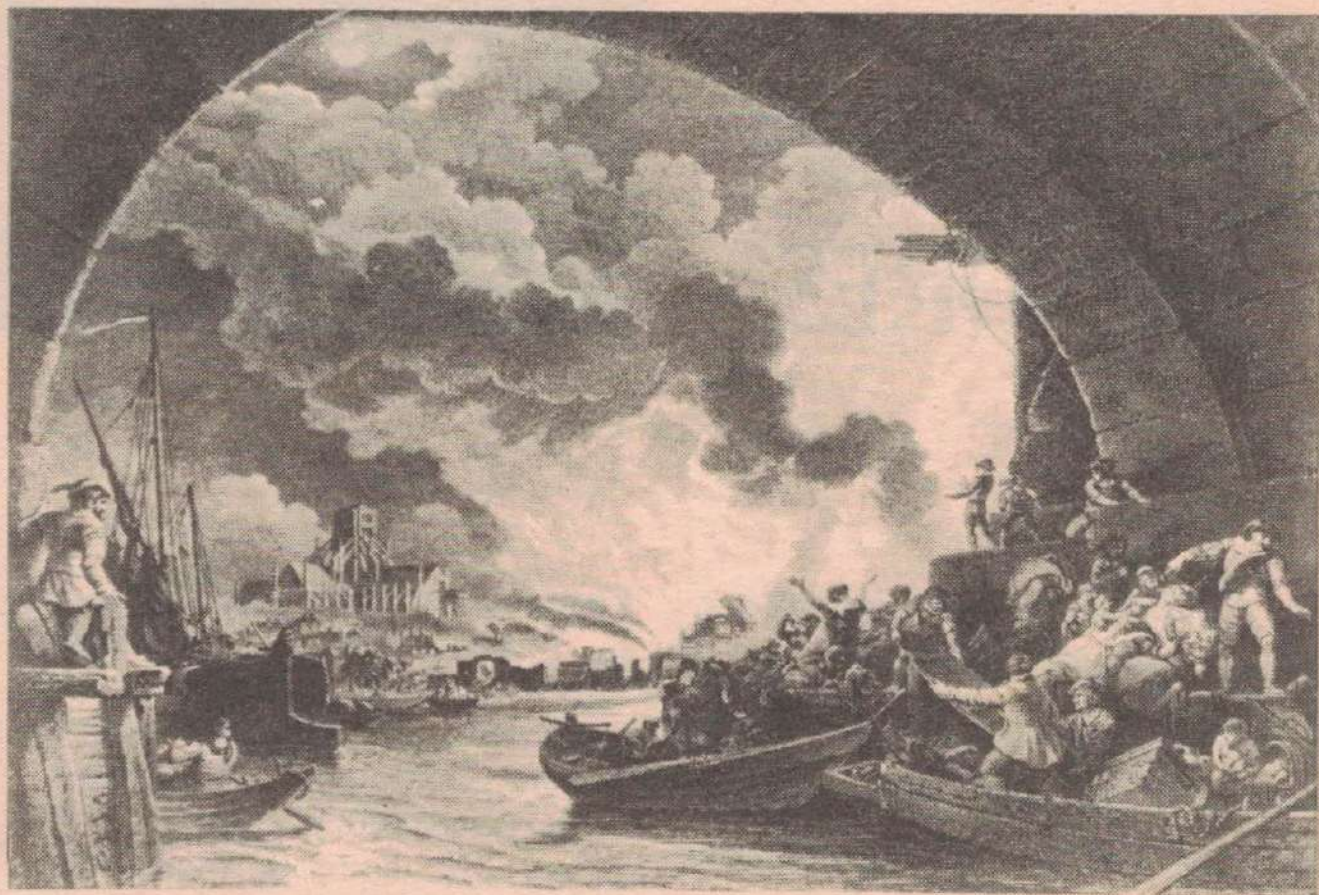


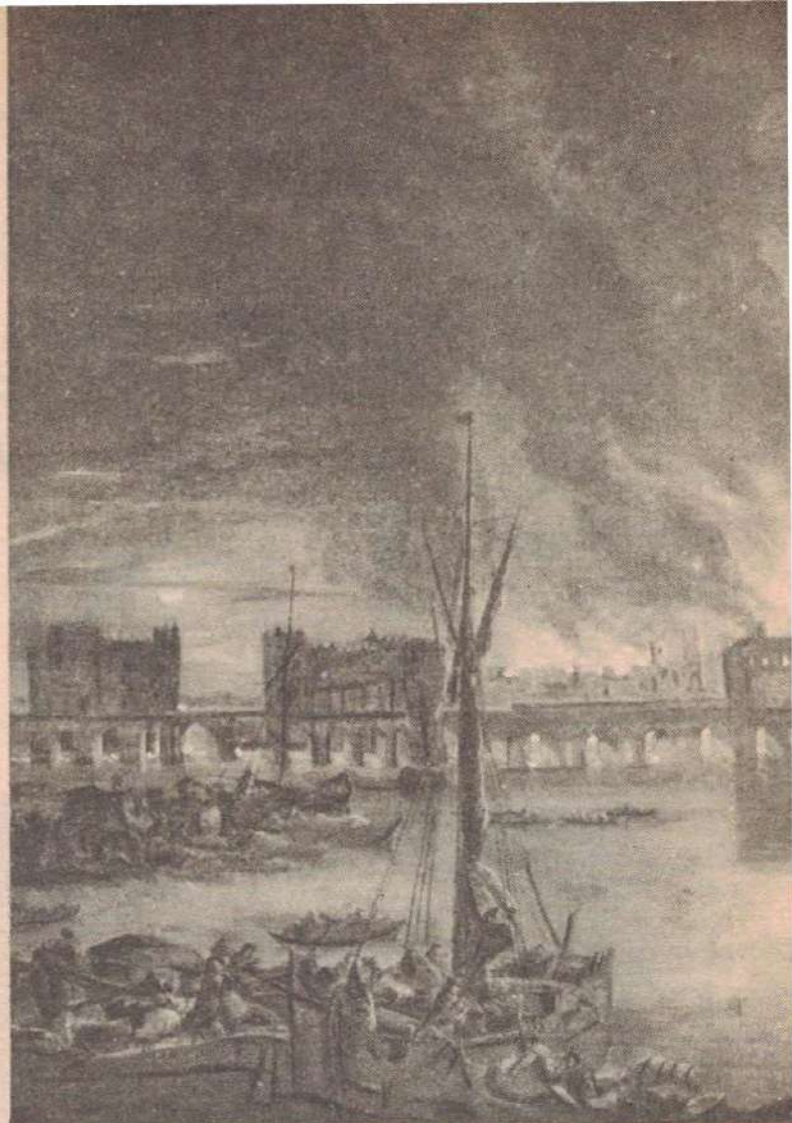
# *Grande Incêndio* *de* **LONDRES**



*David Weiss*



# Grande Incêndio de LONDRES



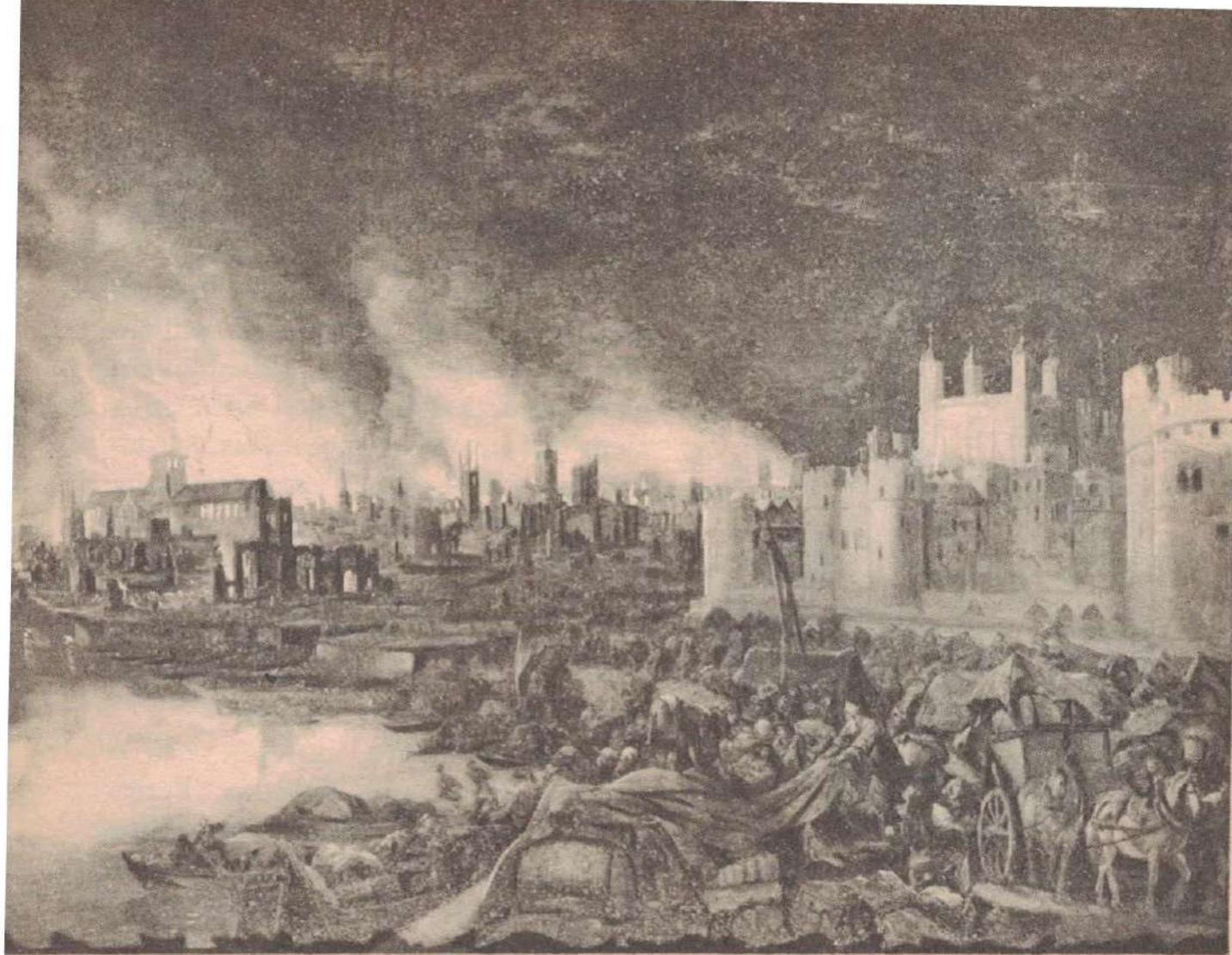
*A destruição de Londres pelo fogo em 1666 foi o pior desastre sofrido por uma cidade europeia desde o incêndio de Roma. Consultando diários pessoais, registros e cartas, David A. Weiss reconstituiu os terríveis acontecimentos desses dias trágicos — e o mágico renascimento da Londres que hoje conhecemos*

**P**ELA MADRUGADA, as rajadas do vento nordeste começaram a fustigar Londres. Janelas batiam, as tabuletas das estalagens rangiam nos seus gonzos e na casa de Samuel Pepys, em Seething Lane, ele e sua mulher, Elizabeth, dormiam. Chegando à janela para respirar um pouco de ar fresco, Jane, a criada que preparava as refeições do dia, avistou chamas ao longe, e correu, nervosa, ao quarto de dormir dos patrões.

«Há um incêndio na cidade!» gritou à porta.

Pepys enfiou precipitadamente um





*A City ardendo. St. Paul aparece em silhueta contra as chamas. A Torre de Londres está envolta em labaredas e as pessoas correm para o rio, tentando escapar*

roupão e correu para o quarto de Jane. Sim, chamas alaranjadas podiam ser vistas além de Mark Lane, a oeste da sua casa. Examinando a situação, Pepys não se alarmou. Todos os anos havia dúzias de incêndios em Londres, mas, em geral, eram poucas as casas destruídas. Esse incêndio não parecia diferente de outros que ele tinha visto, e estava a mais de 400 metros da sua casa.

Pepys voltou para a cama. Como funcionário do Diretório da Marinha e responsável pela subsistência da Armada, tinha mais em que pensar

nesse domingo, 2 de setembro de 1666. Havia 18 meses que a Inglaterra estava em guerra com a Holanda, e àquela mesma hora a esquadra britânica esperava que o vento amainasse para voltar ao combate com as naus holandesas.

Pepys levantou-se às sete horas. Depois de vestir-se, lembrou-se do incêndio e tornou a olhar pela janela. As chamas pareciam ter-se distanciado um pouco. Mais tarde, porém, Jane trouxe notícias alarmantes.

«O fogo arrasou mais de 300 casas», disse ela.





*Samuel Pepys, que vivia em Londres e descreveu a tragédia em seu famoso diário*

Trezentas casas! Pepys apanhou a sua peruca encaracolada e o seu chapéu de pele de castor. Precisava ver esse incêndio, e sabia qual o melhor lugar para observá-lo. Disse um rápido adeus à mulher, saiu e dirigiu-se às pressas, na manhã ventosa, para a Torre de Londres, cujas escadas de pedra subiu para descortinar a City.

Muitas vezes tinha Pepys contemplado Londres daquele miradouro, e nunca deixava de sentir-se fascinado pelo espetáculo. Ao lado da Ponte de Londres, enormes navios mercantes enfileiravam-se ao longo do Tâmesa. Suas cargas formavam altas pilhas nas docas e a famosa ponte, sustentada por 19 arcos de pedra, saltava sobre o rio

com a sua estreita passagem apertada entre casas e lojas de muitos andares. Além do rio, esparramava-se a cidade, uma metrópole do século XVII, na qual meio milhão de ingleses viviam e trabalhavam na compacta City e nos subúrbios além das muralhas medievais. O panorama de Londres sempre fazia Pepys vibrar, com a sua confusão de empenas, as agudas flechas de mais de 100 igrejas paroquiais e, no alto de Ludgate Hill, dominando a cidade, a velha e imponente Catedral de St. Paul.

Nesse momento, porém, com o vento a zunir nos ouvidos, Pepys viu que uma extensa área em redor da Ponte de Londres estava em chamas. Em Thames Street, que corria paralela com o rio, as chamas avançavam para as docas e os armazéns. A própria ponte ardia nas duas extremidades, e diante dos olhos de Pepys uma das casas incendiadas desmoronou e caiu na água.

Pepys tornou a descer apressadamente as escadas e entrou no alojamento do comandante da Torre, Sir John Robinson, que conhecia quase todos os detalhes sobre o incêndio. O fogo começara às duas da madrugada em Pudding Lane, contou Robinson, na casa de Thomas Farynor, o padeiro do Rei. Foram logo chamar o Lord Mayor (Prefeito) de Londres, Sir Thomas Bludworth. Alguém sugeriu que seria conveniente por abaixo as casas vizinhas, para deter a marcha do fogo. Bludworth disse que não e voltou para casa. Desde então,



o fogo espalhara-se com grande rapidez.

Pepys desceu rápido até ao rio e contratou um barqueiro para conduzi-lo até perto do incêndio. Quando se acercaram da Ponte de Londres, ele recuperou por instantes o otimismo. De perto, via-se que só parte da ponte estava em chamas. Mas, quando passaram ao outro lado, Pepys ficou estarelecido. O cais inteiro, até Coldharbour, era uma fogueira. Densas nuvens de fumaça se desprendiam de várias docas. Um armazém atulhado de sebo e madeira explodiu fragorosamente, enviando labaredas a enorme altura.

Durante mais de uma hora, do barco, Pepys ficou contemplando a cena, e o que viu encheu-o de pavor. Em dado momento, o vento soprou-lhe espuma no rosto, e ele compreendeu porque o fogo se alastrava com tanta força. O vento soprava as chamas através de casas ressequidas pela estiagem do verão — uma das piores em muitos anos.

O incrível, porém, era que o povo aglomerado nas margens do rio não parecia ter idéia do perigo. Muitos se recusavam a deixar suas casas até que as chamas lhes chegavam à porta. Só então, frenéticos, corriam com suas coisas para a primeira escada do cais e tentavam alugar lanchões. Pepys notou que mesmo os pombos relutavam em partir. Esvoaçando junto a janelas e sacadas, alguns ficavam até que as chamas lhes queimavam as asas, fazendo-os cair ao chão como pedras.

O pior era que não se via ninguém combatendo o fogo. Pepys sabia que a City não tinha um corpo de bombeiros organizado, mas os vereadores e a polícia já deviam ter tomado alguma providência. O próprio povo podia ter tentado fazer frente às chamas usando os baldes de couro que algumas igrejas e edifícios públicos mantinham para apagar incêndios.

Atrás de Thames Street, numa zona em que nenhuma casa fora atingida pelo fogo, ficava a Igreja de St. Lawrence Poultny. De repente, o campanário explodiu em chamas, como se estas partissem do seu interior. Minutos depois, o chumbo derretido começou a escorrer pelas paredes, até que afinal o campanário inteiro desmoronou com um derradeiro e horrível badalar dos sinos que caíam.

A essa altura, Pepys já vira o bastante. Bateu no ombro do barqueiro e apontou rio acima.

«Vamos ao Palácio de Whitehall.»  
Resolvera falar ao Rei.

### Boatos e Ordens Reais

EM WHITEHALL, centenas de súditos esperavam na longa Stone Gallery, para audiência com o Rei Carlos II. De repente, abriram-se as cortinas dos aposentos reais e apareceu o monarca, uma figura alta, seguido pelos seus ministros de Estado e pelo seu irmão, o Duque de York. Murmurando alguns «Deus vos abençoe», seguiu a passos rápidos pelo corredor, rumo à Capela Real,



onde se recolheu a uma câmara privada até ao começo do ofício divino.

Entrou um gentil-homem da Câmara do Rei, que sussurrou algumas palavras ao ouvido de Lord Arlington, o principal secretário de Estado. Arlington virou-se para o Rei.

«Majestade, está aí fora Pepys, do Ministério da Marinha, com notícias do incêndio.»

O Rei já fora informado do fogo, mas nem ele nem a corte suspeitavam de que tivesse escapado ao controle. Pepys foi imediatamente chamado. Depois de uma curvatura, começou o seu relato numa voz aguda e nervosa. Falou do vento que impelia as chamas para oeste, ao longo dos cais e cidade adentro, e da área enorme a que as tinha visto espalhar-se no espaço de uma hora.

«Majestade», advertiu, «creio que, se não mandar derrubar casas, nada salvará a cidade!»

O Rei o escutava cada vez mais preocupado, pois não ignorava as graves consequências que podia ter um incêndio de grandes proporções. Havia milhares de casas de madeira em Londres; um décimo da população da Inglaterra vivia na cidade e nos seus arredores, e dentro dessa pequena área estava acumulada uma grande parte da riqueza do país. Carlos virou-se para os seus ministros e, rapidamente, pôs-se a dar ordens. Que se estabelecesse uma linha de estafetas para transmitir informações sobre a marcha do fogo.

Que todos os ganchos de demolição que havia em Westminster fossem conduzidos para Londres. Turmas de homens, com o auxílio de cavalos, deviam começar o mais cedo possível a demolir casas por meio de cordas, correntes e ganchos.

Depois de concluir, o Rei fez um sinal a Pepys.

«Vá para a City o mais depressa que puder. Procure o Lord Mayor e diga-lhe que não poupe casa alguma, que vá demolindo em todas as direções.»

Pepys já ia saindo, quando o Duque de York gritou: «Diga ao Lord Mayor que, se precisar de soldados, eu lhos darei.»

Pepys não perdeu tempo. Tomando emprestada uma caruagem, gritou ao cocheiro: «St. Paul, depressa. Assunto do Rei!»

O cocheiro tocou a parelha a galope, deixando Whitehall pela Porta de Holbein, a caminho da City pelo Strand. As chamas já haviam alcançado as vielas que partiam serpeando de Thames Street, entremeadas de pequenos largos.

Mas toda Londres tomara finalmente consciência do perigo. A maioria das igrejas tinham celebrado o serviço divino nessa manhã sem que as congregações notassem nada de anormal. Agora, os sinos repicavam às avessas — o toque tradicional de incêndio — e havia gente correndo de rua em rua, gritando: «Fogo! Fogo!»

Pepys chegou à catedral pouco antes do meio-dia. Ao descer da sege, sentiu o ar impregnado de



fumaça e ouviu, à distância, gritos de mulheres por entre os estalidos das chamas. Andando para leste, passou por dezenas e dezenas de famílias que arrastavam móveis e outros bens para o abrigo seguro da catedral. Foi encontrar Sir Thomas Bludworth em Cannon Street, perto de Eastcheap.

O Lord Mayor parara exausto no meio da rua, tendo ao pescoço um lenço que panejava ao vento. Quando Pepys lhe transmitiu a mensagem do Rei, Bludworth protestou: «Bom Deus, que posso eu fazer? Estou exausto! Ninguém me obedece. Estive derrubando casas, mas o fogo sempre nos alcança antes de termos terminado o trabalho.»

O prefeito pareceu a Pepys «uma mulher com chilique». Respondeu ao emissário do Rei que não precisava de soldados. O que precisava era de descanso, pois passara a maior parte da noite em claro. E com estas palavras deixou-o, tomando mais uma vez o caminho de casa.

Pepys dirigiu-se a pé para a sua rua, Seething Lane, onde encontrou gente com notícias recentes do incêndio. O sistema de abastecimento de água do Tâmesa tinha sido cortado. As chamas haviam danificado as grandes rodas da Ponte de Londres, que bombeavam água no rio e a distribuíam por meio de canos de madeira através de uma larga área. A cidade estava também cheia de boatos. Durante toda a manhã, o padeiro Farynor estivera

dizendo a quem o quisesse escutar que tinha passado os seus fornos em revista à meia-noite e que eles estavam frios. Para muita gente, isso significava que o incêndio em Pudding Lane fora ateado por alguém! Seria uma conspiração dos holandeses, perguntava-se, ou andaria ali a mão dos franceses, ou mesmo de ingleses papistas?

### «Labaredas Horrendas»

O REI não se deixara ficar ocioso no Palácio de Whitehall. Acusado pelos seus inimigos de esbanjar dinheiro com amantes e cavalos de corrida, Carlos II dera provas, não obstante, durante o seu curto reinado, de ser um hábil administrador. Restaurado no trono em 1660, tivera de enfrentar uma tarefa monumental: superar a cisão entre realistas e parlamentaristas, reerguer uma nação falida, aplacar as dissensões entre protestantes e católicos, manobrar os destinos da Inglaterra entre as ciladas da diplomacia européia e conduzi-la numa guerra contra os poderosos holandeses.

E agora, logo após uma devastadora peste, Londres ardia. Carlos já dera ordem à sua guarda de dólma escarlate para que patrulhasse a cidade e acalmasse o povo, e um destacamento da Marinha real, munido de escadas, ganchos e picaretas, trabalhava incansavelmente nas demolições. Mas as informações trazidas pelos estafetas não eram animadoras. Às duas e meia da



tarde, Carlos decidiu ir pessoalmente à City.

O Rei embarcou no batelão real com seu irmão, o Duque de York, e, sentando-se sob o toldo, ordenou ao comandante que remasse rio abaixo. Na curva do Tâmis, de onde podia avistar a Ponte de Londres, a consternação se apossou dele. Por piores que fossem as notícias do incêndio, não o tinham preparado para o que via agora. Toda a zona ribeirinha era uma massa compacta de chamas sob um céu negro de fumaça.

Por acaso, Pepys encontrava-se ali, num bote que havia alugado pouco depois de almoçar. Ao dar com os olhos nele, o Rei convidou-o para o seu batelão, que encostou ao Cais de Queenhithe. Ambos haviam esperado que se pudesse deter o progresso das chamas acima da ponte, na altura de uma taverna ribeirinha chamada *Three Cranes in Vintry*, e, mais abaixo, no Cais de Botolph. Pepys tornou a insistir nas demolições, mas não tardou a evidenciar-se que o rápido avanço das chamas às vezes fazia isto impossível. Só um milagre poderia deter aquele incêndio.

Ainda nessa mesma tarde, atraído pela vista espetacular que o rio proporcionava, Pepys fez outro passeio de bote, dessa vez com a mulher e alguns amigos. Mas o próprio rio já não oferecia segurança: a fumaça e a chuva de fagulhas obrigaram-nos a voltar ao cais. Pepys e Elizabeth refugiaram-se numa taverna, enquanto as «laba-

redas indizivelmente horrendas e malignas», agora transformadas num arco de fogo de 800 metros de comprimento, devoravam a zona do cais. Um outro arco estendia-se para norte, até 400 metros no interior da City. Ao ver tudo isso, acompanhado pelo estrondo de vigas e paredes que desabavam, Pepys não pôde conter o pranto.

Voltando para casa nessa noite, ele e Elizabeth encontraram os vizinhos ocupados empacotando suas coisas, convencidos de que o fogo atingiria *Seething Lane*. Alarmado, Pepys acordou as criadas e, à luz da Lua, todos começaram a trazer camas, colchões, tapetes e pinturas para o jardim, prontos para serem levados dali. Pepys guardou o seu dinheiro em cofres de ferro, na adega, e levou os principais registros de contas para o Diretório da Marinha. Finalmente, depois que todos se haviam recolhido, acendeu uma vela, sentou-se e começou a anotar no seu diário os acontecimentos dessa data histórica.

### **Criminosos e Heróis**

A SEGUNDA-FEIRA amanheceu clara e ensolarada, mas continuava soprando forte um vento leste. Em Whitehall, o Rei levantou cedo. Dormira mal. Durante toda a noite, um diabólico clarão vermelho no céu iluminara seus aposentos, e de quando em quando, em meio ao silvar do vento, ouvira os gritos distantes do povo de Londres esforçando-se por dominar o incêndio.



O primeiro estafeta dessa manhã informou que ambas as áreas em que o Rei esperava que o fogo pudesse ser controlado, na margem do rio, uma delas a da taverna Three Cranes in Vintry, estavam transformadas em ruínas fumegantes. O fogo também consumira a taverna Boar Head, outrora local favorito de Shakespeare, e os Correios. Era impossível calcular quantas residências tinham sido destruídas, e por toda a parte as autoridades estavam assoberbadas de trabalho.

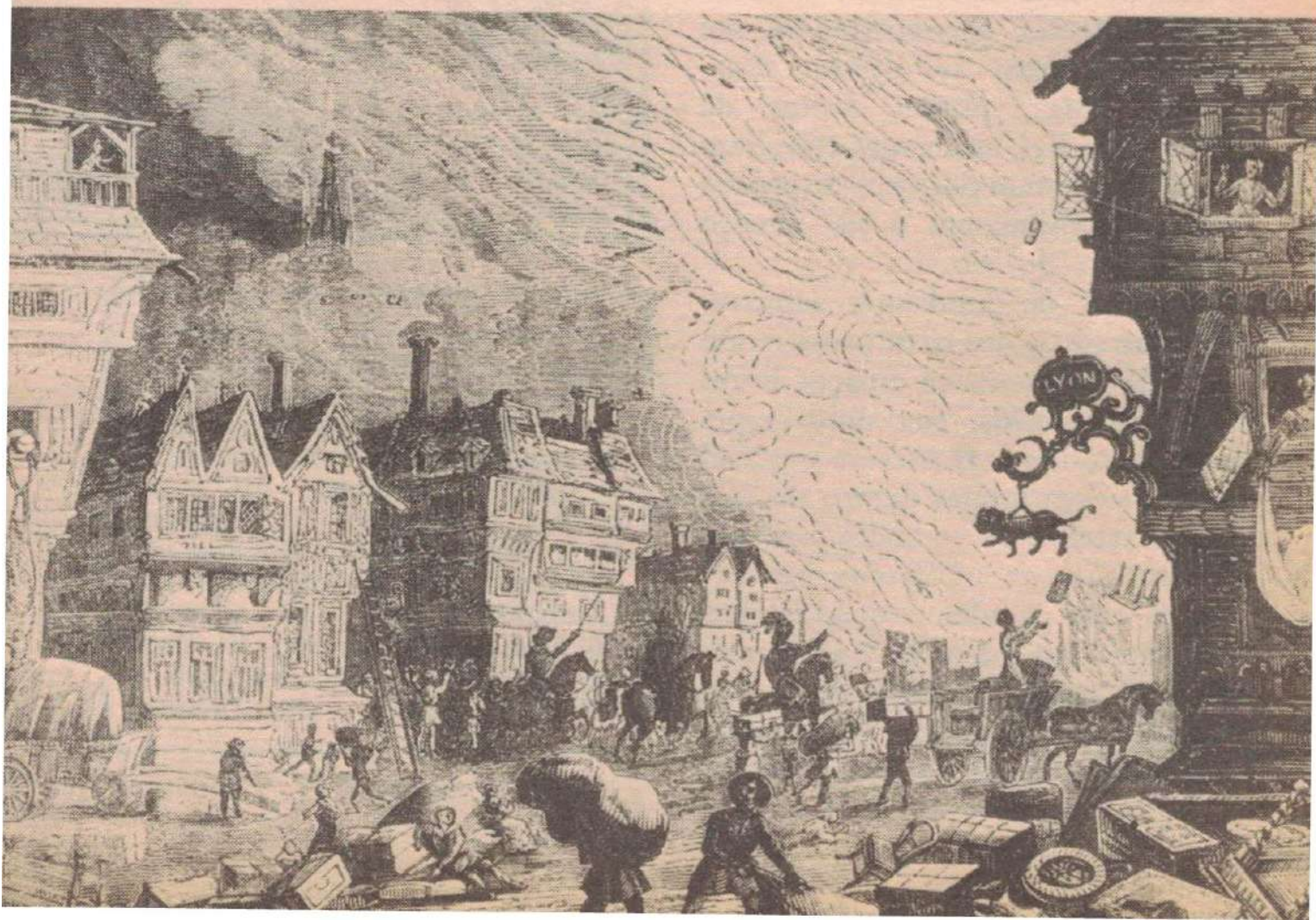
Ouvindo isto, Carlos convocou os seus ministros e anunciou que a Coroa assumira o comando das operações. Daí em diante, ele, o

Rei, dirigiria pessoalmente o combate ao fogo e agiria como autoridade suprema durante a emergência.

Em primeiro lugar, para fazer frente às necessidades imediatas, estabeleceu postos de incêndio em volta do crescente de chamas em marcha. Em número de oito, cada um deles era guarnecido por 100 civis e 30 soldados de infantaria. Todos os postos foram abastecidos de provisões para os trabalhadores e prometeu-se uma recompensa aos que continuassem em atividade durante a noite.

A seguir, conselheiros da Coroa e membros da aristocracia foram nomeados para supervisionar o tra-

*«Andei pela City, as ruas coalhadas de gente, cavalos e carros cheios, todos prontos a esmagarem-se uns aos outros!» (Pepys)*





balho dos postos de incêndio. De seu quartel-general em Ely Place, no bairro de Holborn, eles informariam diretamente o soberano e o Duque de York, que Carlos colocou à frente das operações. Por fim, foram convocadas milícias de reserva. Londres necessitava de todas as tropas que pudesse reunir.

Nessa mesma manhã, Carlos deixou o palácio e tornou a descer o Tâmesa, rumo ao Cais de Queenhithe. O fogo aproximava-se daquela área, e, ao pisar em terra, o Rei ouviu novas notícias do desastre.

Ele dirigiu-se a passos rápidos para o local onde a turma de trabalhadores, numa corrida contra o tempo, demolia casas e cocheiras. Os homens receberam-no com vivas e durante mais de meia hora Carlos ficou com eles, encorajando-os, até que viu ruírem as últimas construções. Mas, pouco depois de afastar-se o Rei, as chamas atingiram o aceiro, saltaram por cima do espaço vazio e continuaram o seu avanço na direção do rio.

Milhares de londrinos acotovelavam-se agora nas ruas, procurando fugir da City para os espaços livres como Moorfields, sua única esperança de refúgio. Já não era possível abrigar-se em igrejas dentro da área do desastre, pois o calor era tão intenso que as próprias pedras ardiam e as paredes — quando permaneciam em pé — se transformavam em cascas brancas calcinadas.

Todos os fugitivos convergiam para as portas da City. Carroças

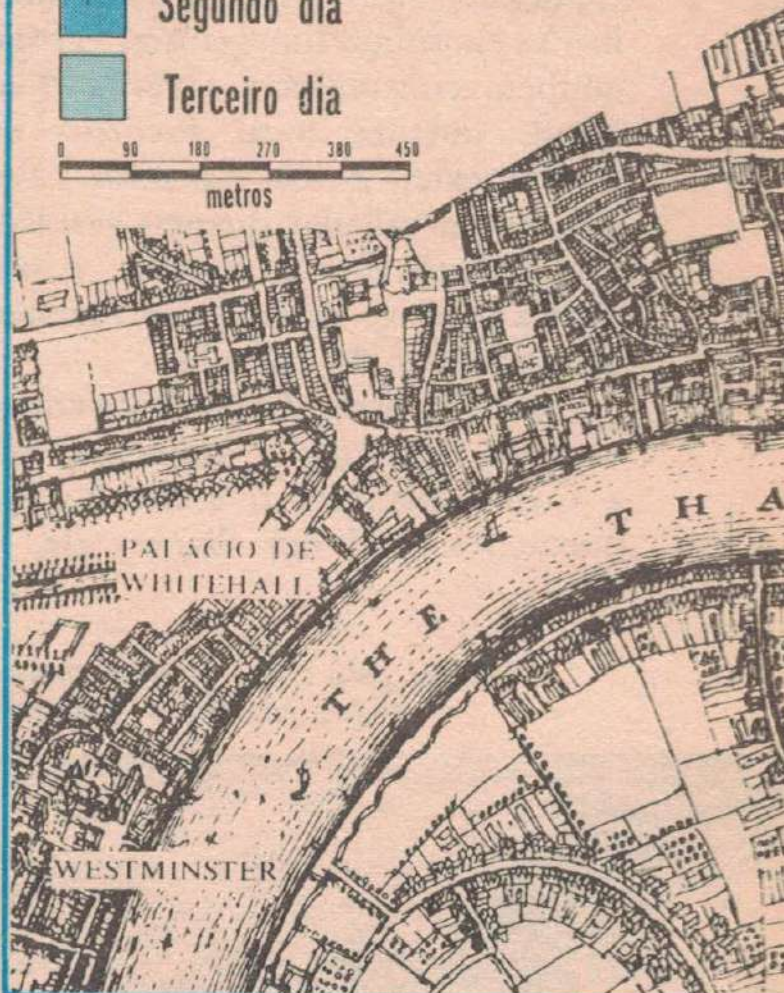
## Setembro, 1666: o grande incêndio

Primeiro dia

Segundo dia

Terceiro dia

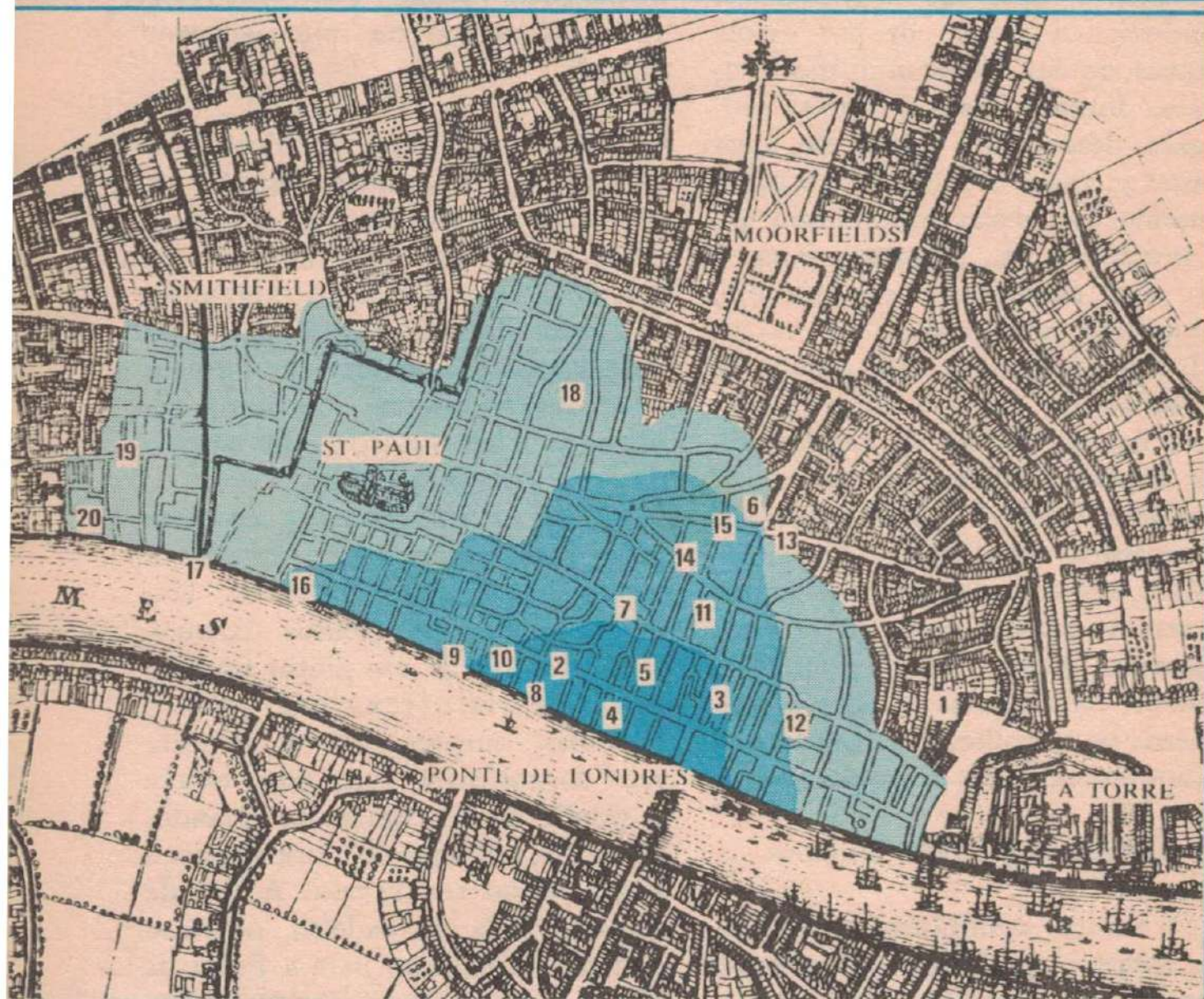
0 90 180 270 360 450  
metros



1. Seething Lane - 2. Thames Street - 3. Pudding Lane - 4. Coldharbour - 5. St. Lawrence Poultry - 6. Merchant Taylors - 7. Cannon Street - 8. Balança - 9. Cais de Queenhithe - 10. Three Cranes in Vintry - 11. Taverna Boar Head - 12. St. Dunstan-in-the-East - 13. Leadenhall - 14. Lombard Street - 15. Cornhill - 16. Castelo de Baynard - 17. Cais de Bridewell - 18. Guildhall - 19. Fleet Street - 20. Temple.



ADAPTADO DE UMA GRAVURA DE HOLLAR, DO MUSEU BRITÂNICO/COLEÇÃO MANSELL



plebéias disputavam lugar com os coches elegantes; cocheiros praguejavam, mulheres e crianças gritavam e choravam. Levavam horas para vencer as ruas estreitas e tortuosas, muitas obstruídas por veículos derribados. Vinham agravar esse congestionamento os lavradores e carroceiros dos subúrbios que tentavam entrar em Londres. Apinhados em volta das portas da cidade, gritavam como camelôs, pedindo

10, 20 e até 30 libras para transportar móveis e bens para o campo. Ladrões e saqueadores também demandavam a City e, esquivando-se às patrulhas do Rei, pilhavam as casas abandonadas, roubando pratas, móveis e quadros que levavam em carrinhos de mão.

Havia muitos outros, porém, que se esforçavam por salvar Londres. Alguns organizaram turmas particulares de combate ao fogo. John



Dolben, o deão de Westminster, conduziu os alunos da sua escola através de St. Dunstan-in-the-East, onde, durante horas e horas, estiveram despejando baldes de água sobre a igreja e as casas vizinhas. Quando as chamas diminuíram ali, a Igreja de St. Dunstan, com o seu alto campanário de chumbo, havia sido preservada.

Desde a manhã, um grupo de trabalhadores estivera demolindo casas nas imediações do Leadenhall, um imenso edifício que servia de mercado, celeiro, arsenal e sede da Companhia das Índias Orientais. Súbito, um vereador atira um chapéu cheio de moedas entre os homens exaustos. Estes, já a ponto de desistir, recolhem as moedas e concluem o trabalho. O Leadenhall escapou com danos de pouca monta.

### «Londres Já Não Existe»

O VENTO continuava a soprar, impelindo as chamas na direção noroeste, de Gracechurch Street para Lombard Street, onde tabuletas pintadas com as imagens do Unicórnio, do Cavalo Branco e do Gafanhoto indicavam as principais casas bancárias da Inglaterra. Pelo meio da tarde, essa elegante via pública foi presa das chamas, que seguiram rumo às lojas de Cornhill, com suas prateleiras atulhadas de sedas e veludos.

O Sol agora quase desaparecera por trás de uma imensa cortina de fumaça. Quando conseguiu abrir, era cor de sangue, e a quilômetros

de distância viajantes viam seus raios vermelho-escuros que pareciam dançar.

O REI e o Duque de York percorriam a City, inspecionando os postos de combate ao fogo, já agora muito reforçados pelas milícias. As patrulhas mantinham-se vigilantes aos sinais de pilhagem e pânico ou de agressão a estrangeiros — pois a essa altura muitos londrinos tinham-se convencido de que o desastre era obra deles.

Multidões indignadas erravam pelas ruas, empunhando espadas e cacetes, à cata de suspeitos. Um desses grupos enfurecidos atacou e arrasou a loja de um pintor francês. Em Westminster, um padeiro holandês, surpreendido a acender seus fornos para fazer pão, estava a ponto de ser linchado, quando, por sorte, o Duque de York apareceu a galope no seu cavalo. A fim de salvar a vida do padeiro, ordenou que o conduzissem para a Porta de Westminster e o encarcerassem. Tomada de histeria, a multidão atacava seus próprios compatriotas. Em Moorfields, uma viúva inglesa foi brutalmente espancada por levar escondido no avental o que parecia serem bolas de algodão para atear fogo, e só depois de se viu descobri-la descobriram que as bolas incendiárias eram pintainhos recém-nascidos.

A noite caiu, mas não escureceu. Em Moorfields e mais ao norte, em Finsbury Fields, milhares de pessoas acampavam ao ar livre. Algumas procuravam dormir, enquanto



outras, aturdidas, contemplavam Londres tristemente, pensando nas casas que jamais tornariam a ver.

Pelas nove horas, em Thames Street, o fogo atingiu o Castelo de Baynard. À margem do rio, com seus torreões cinzentos, durante mais de 200 anos essa fortaleza dominara o trecho médio do Tâmis. Dentro em pouco, as chamas corriam ao longo de toda a sua fachada e

*«O Rei continuava percorrendo a City, indo a todos os lados onde os perigos e o drama eram maiores.» (London Gazette)*

irrompiam das janelas, lançando sinistros reflexos na água.

Assistindo à tragédia, encontrava-se John Evelyn, escritor e Comissário do Rei para os Marinheiros Doentes e Feridos e os Prisioneiros de Guerra. Evelyn viera de sua casa em Deptford e postara-se em Bankside, na margem fronteira ao incêndio. O ar era tão quente que ele tinha dificuldade em respirar.

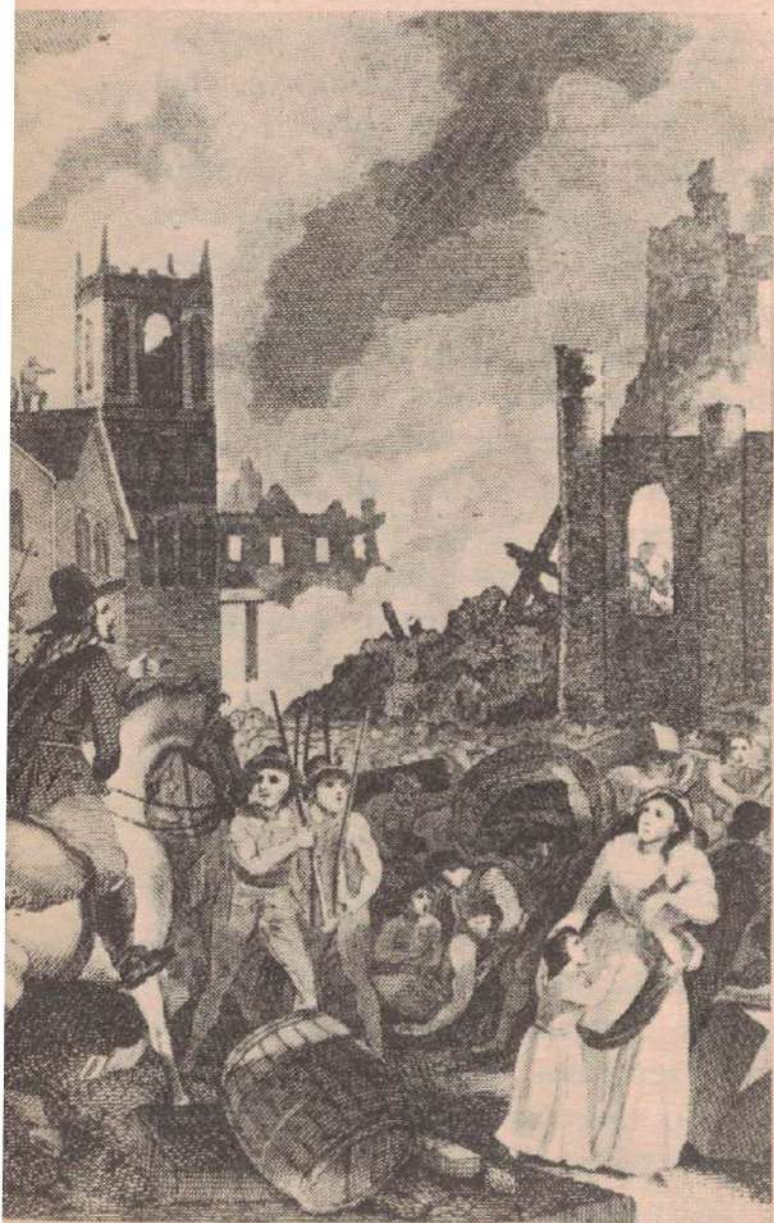
O clarão do incêndio iluminava uma área de pelo menos 60 quilômetros e o céu de Londres dava a Evelyn a impressão do teto de um forno queimando. Paralisado de horror, via as chamas saltar de casa em casa. Ouvia gritos angustiados de homens e mulheres e a trovoadas contínua, martelante, das casas e igrejas que desabavam uma após outra.

Como Pepys, que era seu amigo e confrade na Sociedade Real, Evelyn mantinha um diário. Quando voltou à casa nessa noite, acabrunhado pelo que tinha visto, mal pôde por em ordem os seus pensamentos ao tomar da pena.

«Houve uma Londres, mas já não existe», escreveu ele. «Oh, mísero e calamitoso espetáculo!... Não permita Deus que meus olhos jamais tornem a ver coisa semelhante!»

### O Fogo em St. Paul

NA TERÇA-FEIRA, metade da City havia sido arrasada e o vento recrudescera, quase alcançando a força de um vendaval. Tochas ardentes



COLEÇÃO MANSELL



redemoinhavam no ar, fuligem e cinzas choviam sobre telhados e jardins, e na distante Kensington fagulhas e farrapos de roupa branca dançavam no ar. «Dir-se-ia o Juízo Final», escreveu uma testemunha.

Por essa altura, filas inteiras de construções ardiam e desmoronavam em uníssono. O Reverendo Thomas Vincent viu casas «tombarem, tombarem, tombarem de uma a outra ponta da rua, com enorme estrondo, deixando os seus alicerces expostos ao céu». Os carros eram tão escassos que os londrinos pagavam 40 ou 50 libras para transportar seus bens. Houve um homem que ganhou 400 libras por uma única viagem com o seu carroção.

O êxodo continuava, obstruindo todas as estradas. Centenas de pessoas caíam à beira do caminho, vencidas pela fumaça e pela exaustão. Na City, o pânico aumentou quando a Marinha começou a usar pólvora para derrubar as casas. Novos boatos nasciam a cada explosão: uma frota holandesa vinha subindo o Tâmis; um exército francês de 50.000 homens marchava sobre a cidade.

Embora mal houvessem dormido nas últimas noites, o Rei e o Duque de York estavam de novo em atividade, galopando de um posto a outro. O Rei levava a tiracolo uma bolsa com 100 guinéus de ouro, e, sempre que freiava o cavalo para dar ordens, atirava moedas aos trabalhadores banhados em suor.

Mas o seu exemplo pessoal tinha mais efeito que o ouro. Em certo ponto, desdenhando o perigo das

vigas que tombavam, Carlos desmontou e lançou-se ele próprio ao trabalho. Atolado na lama até aos tornozelos, com os punhos de renda encharcados e o rosto negro de fuligem, manejou uma pá e depois entrou na fila que passava de mão em mão os baldes de couro cheios de água. Também seu irmão, «cercado de fogo», esteve ajudando turmas de trabalhadores perto do Cais de Bridewell.

Depois do meio-dia, chegaram mais soldados e marinheiros, mas seus esforços foram baldados contra o vento que a cada instante soprava as chamas com mais ímpeto. Do Guildhall, sede do governo de Londres, só restaram as paredes. Ardeu durante horas como uma brasa acesa — «um palácio de ouro», disse um observador. Só duas áreas dentro das muralhas da City ficaram incólumes: uma que se estendia de norte a sudeste e outra para oeste, à volta da Catedral de St. Paul.

Durante a tarde inteira, um a um, arderam os edifícios vizinhos de St. Paul. Mas, como por intervenção da Providência Divina, a grande torre e a estrutura maciça de St. Paul pairavam acima da fumaça, sólidas e aparentemente invulneráveis. Os livreiros e a Companhia de Papelaria levaram seus livros para o interior da catedral. Embaixo, na cripta, tinham eles a sua própria Igreja de Santa Fé, cujo teto era o piso de St. Paul, e não parecia haver lugar mais seguro para guardar os seus volumes.

Ao anoitecer, por volta das oito

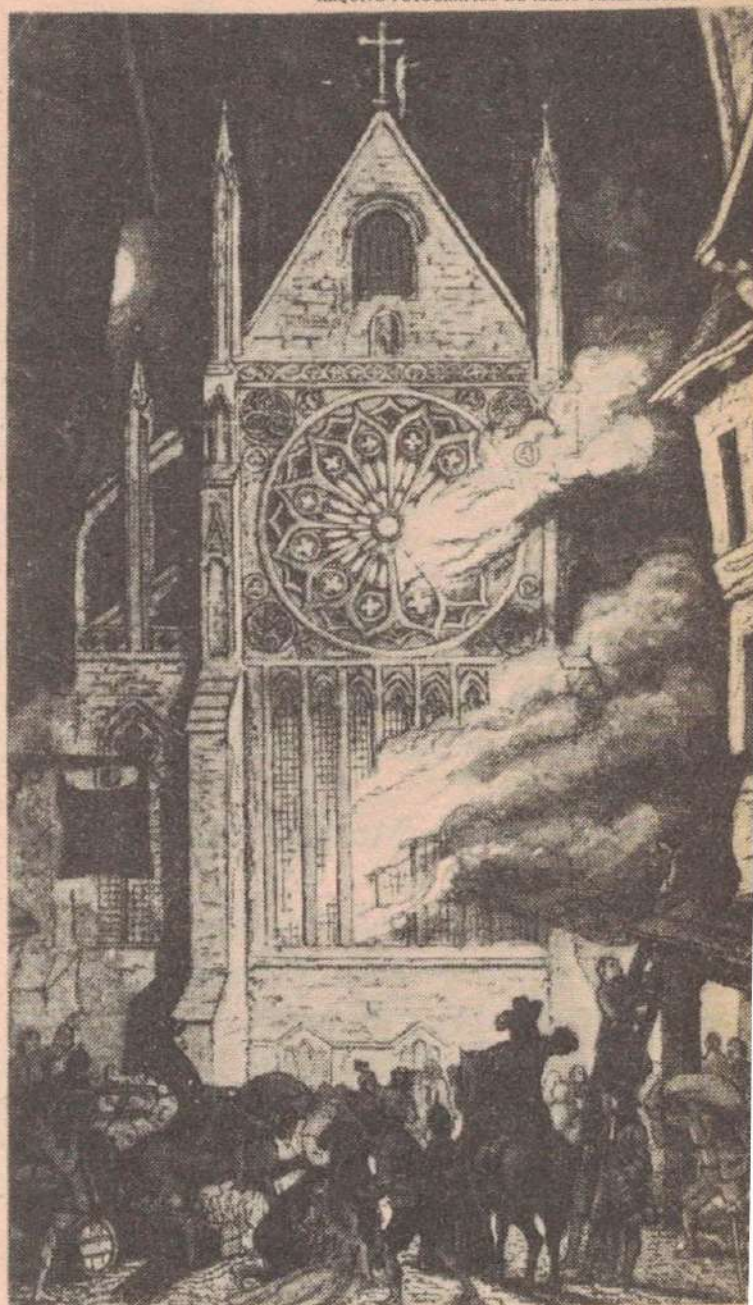


horas dessa terça-feira, um livreiro chamado Martin encontrava-se no adro. De repente, escancarou os olhos. Um facho ardente, carregado pelo vento, pousou no teto da catedral. O teto era revestido de chumbo, numa área de pouco mais de dois hectares, mas o facho foi cair exatamente sobre uma tábua que vedava uma fenda no metal. A tábua ardeu, passando as chamas aos andaimes que rodeavam a torre, armados por uma turma de reparações, e em poucos minutos o fogo começou a jorrar de todas as aberturas. As vigas debaixo do teto pegaram fogo e o chumbo derretido escorria pelas paredes. Pesados barrotes desabavam estrondosamente na nave e no coro; a queda de capitéis e frisos abriu rombos no chão, perfurando as abóbadas de Santa Fé, na cripta, onde os livros dos papeleiros se incendiaram num verdadeiro inferno de chamas.

À medida que se intensificava o calor, grandes lascas de pedra desprendiam-se das paredes e blocos de alvenaria, alguns pesando perto de 50 quilos, explodiam e eram arremessados do edifício como balas de canhão. O chumbo fundido engolfava as sepulturas e efígies quebradas no chão, formando uma torrente que corria pelas portas da catedral e descia a colina, aquecendo ao rubro as pedras do calçamento.

Uma vasta multidão juntara-se à distância. De repente, surgem o Rei e seu irmão a toda a brida, e, diante de seus olhos, partes das paredes laterais de St. Paul tremem

ARQUIVO FOTOGRAFICO DE RADIO TIMES HULTON



*A antiga St. Paul, com as chamas varando a Janela da Rosa, na parede leste*

e desabam, pondo à mostra a imensa fogueira interior. O escritor John Evelyn viu as selvagens labaredas, e mais tarde comentou no seu livro: «Só a Onipotência Divina poderia detê-las, pois vãos eram os esforços dos homens.»

Entrementes, o fogo saltara as muralhas da City e continuava em



sua corrida para oeste. Chamas cascateavam pela encosta de Ludgate Hill e avançavam céleres por Fleet Street, ao mesmo tempo que em Whitefriars as tascas e bordéis ardiam como gravetos. Em Magpie Alley e em Primrose Hill, a fumaça expulsou vagabundos e punquistas de seus valhacoutos. Depois, com perfeita imparcialidade, o fogo marchou para o majestoso Palácio de Justiça de Londres, o Temple, e logo ouvir-se-ia o brado de alarma em Westminster.

Então, às 11 horas dessa noite, quando o incêndio ia no auge, o vento começou a amainar.

### «Viverei e Morrerei Convosco!»

O avanço das chamas foi detido em Fleet Street, 30 casas antes do fim da rua, e o resto da noite passou-se numa batalha desesperada para circunscrever o fogo dentro das áreas já atingidas. Na tarde seguinte, reinava completa calma, a fumaça pairava alta por sobre a City silenciosa, e, como observou Evelyn, o abrandar do vento, «quando quase tudo estava perdido», infundiu «novo ânimo» em todos. Havia terminado o grande incêndio de Londres.

Samuel Pepys mal podia acreditar no que via. Durante os dois últimos dias vivera atormentado, removendo suas posses para Deptford, preocupado com a segurança de sua casa, do Diretório da Marinha e do seu ouro. Na madrugada da quarta-feira, quando Seething Lane

foi subitamente ameaçada, resolveu fugir. Com a ajuda de Elizabeth e de um escrivão da Marinha, transportou o ouro para Woolwich, rio abaixo, e guardou-o na Doca do Rei. Quando voltou a Seething Lane, estava quase certo de encontrar sua casa em ruínas, mas, ao passar por Great Tower Street, descobriu que um grupo de estivadores da Marinha abrira um aceiro à entrada da viela. Tanto sua casa como o Diretório da Marinha estavam intatos.

Pepys subiu ao alto do campanário da Igreja de Todos os Santos, em Barking, ali perto, de onde viu «o mais triste panorama de desolação». Tinha diante de si uma extensa área de ruínas negras e fumegantes; aqui e ali, esqueletos calcinados de igrejas, residências e edifícios públicos destacavam-se como escolhos flutuantes num mar de fuligem. Mais tarde, Pepys e Evelyn foram a Moorfields através das ruas candentes, escolhendo o lugar onde punham os pés. Os «pobres infelizes» ali acampados haviam começado a improvisar cabanas e abrigos. Evelyn notou que mesmo as famílias ricas não possuíam mais que as roupas do corpo e estavam reduzidas à «mais extrema miséria e pobreza».

Serenada a fúria das chamas, o Rei passou a ocupar-se com esses milhares de sem-teto e lançou duas proclamações. Ordenou que dos condados próximos fossem enviadas provisões, especialmente pão, e distribuídas diariamente em Bishops-



gate, Tower Hill, Smithfield e outros centros mais ao norte. As igrejas, escolas e lugares públicos dos subúrbios guardariam os bens dos londrinos e as cidades de província teriam de aceitar refugiados, permitindo a cada um o exercício de sua profissão.

Na quinta-feira, o Rei foi pessoalmente a Moorfields, para falar aos seus súditos. Assim que ele apareceu, a multidão juntou-se à sua volta, aplaudindo. Carlos fez um gesto pedindo silêncio. Montado no seu cavalo, com a cidade ainda fumegante às costas, correu os olhos pelo mar de rostos voltados para o alto e falou. Começou por anunciar que estava devolvendo o governo de Londres às autoridades municipais. A seguir, expôs os seus planos de auxílio às vítimas e mencionou as medidas que já havia tomado. Por fim, passou a um assunto que sabia estar na mente de todos: os boatos de conspiração estrangeira.

«Asseguro-vos», gritou ele, enquanto os ouvintes se adiantavam para escutar melhor, «que este incêndio vem diretamente das mãos de Deus e não resultou de nenhuma trama. Não houve conluio.» E, depois de recomendar calma, terminou em tom confiante: «Tenho forças suficientes para vos defender contra qualquer inimigo e garanto-vos que, com a graça divina, eu, o vosso Rei, viverei e morrerei convosco.»

Dito isto, enquanto a multidão estrugia em aclamações, Carlos deu

volta ao cavalo e partiu a galope para Whitehall.

### «Maior e Mais Bela»

As palavras do Rei infundiram esperança no povo, mas, mesmo assim, pouca coisa podiam eles fazer nos dias que se seguiram, exceto vaguar por entre as ruínas como «homens em algum lúgubre deserto», contemplando tristemente a cena de desolação. Mais de 80 % da City dentro das fortificações tinham sido arrasados, num total de 150 hectares, aos quais vinham acrescentar-se outros 25 hectares fora dos muros. As chamas tinham varrido 400 vielas e ruas e destruído 13.200 casas. O assombroso é que nada mais de seis mortes foram atribuídas ao desastre, que o historiador Macaulay chamou de «um incêndio como não se tinha visto outro igual na Europa desde a conflagração de Roma no reinado de Nero».

Aos poucos, a cidade começou a despertar. Cabanas e barracas de vendedores de cerveja surgiram das ruínas e as jornaleiras reapareceram vendendo a *London Gazette*, cujo prelo fora instalado nos fundos de uma igreja. Pessoas começaram a voltar para a City e, enquanto removiam os escombros das suas adegas e levantavam alpendres provisórios, falavam em reconstruir. A 13 de setembro, uma semana após ter cessado o incêndio, alguém em Blackfriars começou a erigir a sua nova residência.

Ao saber disso, o Rei convocou



1972

Ad P272 - 2

Prepared by Sperry-Boom, Inc.  
Reader's Digest-International

uma sessão do seu Conselho Privado. Era preciso deter aquilo imediatamente, declarou ele. Se cada londrino reconstruísse sua casa quando e como lhe conviesse, a nova City seria tão caótica quanto a velha e se perderia para sempre a oportunidade de criar uma capital moderna.

O Rei já havia estudado vários planos para uma nova Londres. Um deles provinha de John Evelyn e o outro de um jovem e desconhecido arquiteto, Christopher Wren, recentemente nomeado para uma comissão que estudaria possíveis reformas a introduzir na velha Catedral de St. Paul. Ambos visualizavam uma cidade grandiosa, mas suas idéias eram demasiado magnificentes para serem postas em prática. Foi o próprio Carlos que finalmente traçou as linhas mestras da reconstrução. Tornou-as públicas por uma Proclamação a 13 de setembro, e cinco dias depois convocou o Parlamento para pedir leis apropriadas.

«Agradecemos a Deus por nos podermos reunir neste lugar», disse ele, falando às Câmaras. «Há poucos dias ainda, quase desesperamos de que fosse preservada esta casa para nos reunirmos.»

Nomeou-se uma comissão para relatar pormenorizadamente as propostas de reconstrução de Londres, e, mais tarde, a Câmara dos Comuns aprovou uma resolução de reconhecimento ao soberano pelos seus incansáveis esforços no combate ao incêndio.

Os debates da comissão prolon-



O «Ponto Branco»  
marca  
um presente de orgulho.

Orgulho de oferecer, orgulho de possuir. Coleção «Ponto Branco» da Sheaffer. Jogo para presentes de alta distinção, em ouro platinado. Elegante embalagem para oferta.

**SHEAFFER**  
the proud craftsmen

SHEAFFER, WORLD-WIDE, A **textron** COMPANY



garam-se durante o outono inteiro e parte do inverno. Deu-se início a um levantamento topográfico da área destruída, mas foi preciso esperar semanas até que ela ficasse livre dos escombros, que, em alguns pontos, se elevavam a mais de um metro de altura.

O tempo era um fator de vital importância. Carlos compreendeu que, se não se desse logo habitações ao povo, ele migraria para outras localidades. Londres era a maior cidade e o principal porto da Inglaterra; o grosso da receita fiscal provinha da metrópole, e, se diminuíssem a sua população e o seu comércio, a economia de todo o reino sofreria. Em novembro, tornou-se evidente que era preciso abandonar os planos de uma cidade-modelo. Londres teria de ser reconstruída dentro do traçado antigo.

Uma vez tomada esta resolução, Carlos e as autoridades municipais deram-se conta de que, ainda assim, era possível criar uma capital melhor, embora se precisasse de um vasto programa para adaptar os melhoramentos ao plano antigo da City. Os consultores do Rei voltaram ao trabalho. Dia e noite, reunidos quase permanentemente, elaboraram um plano-piloto do qual surgiria uma Londres não apenas reconstruída, mas renascida, «maior e mais bela» que nunca.

As ruas da capital teriam larguras especificadas e testadas uniformes. Não se permitiam beirais salientes nem obras de ressaltos nas fachadas. Três tipos de construções foram

estabelecidos de acordo com as ruas, todas elas de tijolo ou de pedra: casas de quatro andares nas ruas principais, de três nas «ruas e vielas importantes» e de dois apenas nas vielas transversais. As mansões de mercadores ricos, ainda que não tivessem fachada para a rua, não podiam ultrapassar quatro andares. A Municipalidade era autorizada a pavimentar as ruas e taxar os proprietários nas custas, a nomear fiscais de esgotos para manterem boas as condições sanitárias e a banir das artérias importantes as «indústrias perigosas e repulsivas».

Foi criado um Tribunal de Juizes do Incêndio para «prevenir desordens e disputas entre proprietários e inquilinos de casas destruídas pelo recente e terrível incêndio». A nova legislação dispunha sobre os materiais de construção e estimulava os moradores dos subúrbios a «cavar a terra para fabricar tijolos». Além disso, carpinteiros, marceneiros, pedreiros, estucadores e outros artesãos eram convidados a virem para Londres, onde poderiam trabalhar sem qualquer restrição durante um período de sete anos.

Depois de várias emendas e longos debates, o programa de reconstrução foi aprovado pelas duas Câmaras do Parlamento e recebeu o Beneplácito do Rei em 8 de fevereiro de 1667.

### «Ressurgirei»

Na primavera, quando começou o degelo, os agrimensores balizaram



as primeiras ruas novas e terrenos de construção. Depois deles vieram os operários. Barulhentas carroças circulavam por entre as ruínas, trazendo tijolos, madeiras, telhas, e dentro em pouco se ouvia o som de marteladas por toda a cidade.

A reconstrução de Londres foi uma obra gigantesca e sem paralelo, que se prolongaria por dezenas de anos. No verão de 1668, mais de 1.200 casas novas estavam prontas, e um ano depois outras 1.600 se encontravam em obras. No outono de 1670, o programa de construções fizera tais progressos que se pôde pensar nas igrejas em ruínas.

Um total de 84 igrejas tinham sido destruídas, e resolveu-se que 51 seriam reconstruídas. De todas elas foi arquiteto Christopher Wren, cujos trabalhos constituem um dos maiores triunfos da arte e da persistência na história da Inglaterra.

A obra-prima de Wren foi a Catedral de St. Paul, reconstruída com um interior estranhamente proporcionado, uma colunata de 32 pilares e uma alterosa cúpula barroca encimada por um lampadário, o globo e a cruz. Certa vez, durante a demolição das paredes em ruínas, Wren mandou levantar uma plataforma de onde fazia visadas para a nova cúpula. Um dia, gritou a um operário que lhe trouxesse uma pedra para marcar o ponto escolhido. O homem apanhou a primeira coisa que encontrou no monte de escombros. Era um fragmento de velha lápide, em que se via gravada

uma única palavra: *Resurgam* — «Ressurgirei». A cúpula ficou pronta em 1710, quando Wren contava quase 80 anos de idade.

Carlos II há muito já não existia. Morrera nos aposentos reais, ao amanhecer de 6 de fevereiro de 1685. Mas já àquela altura, quase 20 anos após o incêndio, a sua visão de uma grande e nova City se havia convertido em realidade.

Não restavam vestígios da velha Londres atulhada de tugúrios, cortiços e favelas. Milhares de casas de tijolo vermelho corretas, construídas de acordo com um plano, margeavam agora as ruas recém-pavimentadas. As esquinas tinham sido alargadas, as curvas retificadas, as ladeiras aplainadas. Pela primeira vez em séculos, os pedestres não precisavam acautelarse contra os pilares e ressaltos das casas.

A cidade estava livre da peste bubônica, que desde o tempo das Cruzadas assolava a sua população. Antes, não se esperava que uma criança chegasse à idade adulta sem ter sofrido pelo menos um ataque da terrível enfermidade. Agora, Londres jactava-se de ser «a cidade mais salubre do mundo». Havia sido abolidas as calhas que despejavam água da chuva na cara dos transeuntes, eliminadas as valetas que corriam pelo centro das ruas carregando imundícies. O próprio ar da City era puro e saudável, por serem mais largas as ruas e haver mais espaço entre as casas.

Por outro lado, Londres já não era tão sujeita a incêndios. Nunca



mais tornaria a ocorrer um desastre como o de 1666. Quase todas as milhares de casas reconstruídas eram de tijolo ou de pedra. Tomadas de água tinham sido inseridas na rede de encanamentos e os edifícios públicos estavam munidos de equipamento mais eficiente de combate ao fogo.

NÃO MENOS significativas que a reconstrução material de Londres foram as modificações introduzidas no seu governo. A cidade nomeara

uma comissão, única responsável por saneamento, pavimentação e limpeza das ruas, zoneamento e impostos. Com essas mudanças, surgiu um orgulho que poucos londrinos sentiam antes. O povo, agora, orgulhava-se de pertencer a Londres, e não simplesmente a uma paróquia ou um bairro.

O Grande Incêndio havia destruído uma capital medieval. Graças ao gênio e à orientação de Carlos II, dera origem à cidade mais moderna do mundo.

(Tradução de Leonel Vallandro)



### *Respostas à Queima-Roupa*

ENTREVISTADA sobre o Movimento de Libertação da Mulher, uma nova-iorquina respondeu: «Sinto-me feliz. Gosto de ser escrava do meu marido, pois, assim, posso fazer dele o que quero.» — N. M.

AO FIM de 20 anos na direção de uma pequena empresa, perguntaram a um comerciante como iam os seus negócios. «Ouça», retrucou ele, «a coisa não vai tão bem que eu possa pensar em aposentadoria, nem tão mal que tenha de abrir falência, mas espero, até ao fim deste ano, estar em condições de optar por uma delas.» — B. N.

QUANDO perguntaram a Dick Cavett como se sentia como apresentador e entrevistador de TV, ele respondeu: «É uma ocupação maravilhosa para quem sempre desejou um esgotamento nervoso e nunca o conseguiu.» — C. M.

PERGUNTEI ao jovem balconista o que significava a etiqueta «Resistentes ao Encolhimento» num par de meias. Ele hesitou ligeiramente, mas logo explicou: «Quer dizer que encolhem — mas contra a sua vontade.» — J. S.